

Exportação, dívida e recessão

26 FEV 1987

Dívida Externa

CARLOS TAVARES DE OLIVEIRA

O GLOBO

De Norte a Sul do País, do mais humilde ao mais próspero empresário, todos sabem muito bem da incensurável dívida externa brasileira. O que poucos sabem, porque não é devidamente explicado, é como deve ser paga essa dívida. É claro que não poderá ser em cruzado, que não circula nem tem valor no exterior. Portanto, a única forma de resgatá-la é através da exportação. Vendendo seus produtos para outros países, obtém o Brasil as divisas (moeda estrangeira; dólar em geral) com as quais, prioritariamente, adquire materiais indispensáveis, como petróleo e equipamentos. Com o saldo (superávit: diferença da exportação sobre a importação) vinha o País pagando os seus compromissos financeiros internacionais. Agora, face ao escasseamento das divisas de exportação, o Presidente Sarney suspendeu o pagamento dos juros da dívida.

O Governo da Nova República, desde os seus primeiros dias, reconheceu essa dívida, conforme as múltiplas reuniões realizadas com os principais credores, agrupados no Fundo Monetário Internacional e no Clube de Paris. O que fazer, então, diante desse insofismável quadro, para livrar o Brasil da perda de credibilidade e da pecha de inadimplente? A resposta é simples; providenciar os meios de pagamento e obter condições satisfatórias para sua efetivação. De forma inexplicável, porém, vem o Governo cuidando apenas da segunda parte — as condições de pagamento — a qual, obviamente, depende da primeira. É claro que se não tivermos exportações suficientes para gerar saldos substanciais,

não adianta estar discutindo com os credores normas e prazos para os pagamentos.

Torna-se desgastante, como no ano passado, o Brasil prometer superávit comercial de US\$ 13 bilhões quando o resultado final ficou em apenas US\$ 9,5 bilhões (- 23,7% do que em 1985). E não foram as importações que aumentaram, como erradamente se supõe, pois foram elas até inferiores 2,1% ao total apurado em 1985. O que de fato aconteceu foi a redução das exportações (menos 12,6%), resultado até normal, dada a indiferença oficial conferida ao setor. Com taxa cambial absolutamente irreal — correspondendo em certos períodos a até 50% do mercado paralelo — o que se estimulava era apenas o subfaturamento na exportação, responsável pelo desvio de cerca de US\$ 2,5 bilhões das receitas oficiais. A outra falha básica foi deixar sem financiamento adequado as exportações de produtos manufaturados.

No ano em curso, não pode o Governo incorrer nos mesmos erros e maltratar ainda mais a tenra planta da exportação. O novo pacote ou Plano, em gestação, deve contemplar prioritariamente o setor exportador, pois é perigosa, por ser recessiva, a política de fabricar saldos positivos à custa da redução das importações. As projeções oficiais indicam, para 1987, importações de US\$ 13,5 bilhões, as quais, sem os gastos obrigatórios com o petróleo (cerca de US\$ 4 bilhões) reduzem-se a montante insuficiente às necessidades do País. Não seria mais inteligente, e até mais fácil, expandir-se as exportações através dos meios clássicos dispo-

níveis? São inúmeros os exemplos de países que, através da exportação, superaram crises piores que a nossa como ocorreu com a Inglaterra ("Exportation is the Solution"). Holanda, Alemanha, Japão e outros, devastados pela guerra. No momento, as próprias superpotências desenvolvem campanhas de exportação para resolver problemas econômicos diversos. Os Estados Unidos procuram, pelo menos, diminuir o estrondoso déficit comercial e aumentar o nível de empregos. Enquanto na União Soviética, o líder Mikhail Gorbachev visa a conseguir as divisas necessárias à importação de equipamentos para as metas do novo Plano Quinquenal.

Trata-se de excesso de retórica dizer que há sacrifício e sangue dos trabalhadores brasileiros nos produtos vendidos ao exterior. É possível que, entre os melhores níveis de vida de trabalhadores do País, estejam os desfrutados pelos operários do ABC paulista e do Vale dos Sinos, no Sul, cujas indústrias são voltadas para o mercado externo. Também é superior à média, o passado dos trabalhadores das minas do Vale do Rio Doce e dos campos petrolíferos da Petrobrás, empresas genuinamente brasileiras e as maiores exportadoras do País. Não há sacrifício algum — muito menos sangue — na soja de Mato Grosso, no café do Paraná, no suco de laranja de São Paulo, no cacau da Bahia, vendidos para o exterior, gerando empregos e divisas.

Em seu pronunciamento à Nação faltou ao Presidente dizer que só através da exportação ficaremos livres da recessão e teremos meios para pagar a dívida externa.